

A high-angle photograph of a symphony orchestra performing on a stage. The musicians are arranged in several rows, with the conductor standing on a yellow podium in the center foreground. The orchestra includes string, woodwind, brass, and percussion sections. The background is a dark, textured wall.

CCB

SINFONIA N.º 9
«DO NOVO MUNDO»
DE DVOŘÁK

ORQUESTRA XXI

18 JUL 26

ARTES
PERFORMATIVAS

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém

Grande Auditório

Sábado, 19h

+6

Duração aproximada: 105 min

Programa

Andreia Pinto Correia (1971)

Cortejo [Estreia nacional]

Edvard Grieg (1843–1907)

Concerto para Piano em Lá menor, Op. 16

I. *Allegro molto moderato*

II. *Adagio*

III. *Allegro moderato molto e marcato – Quasi presto – Andante maestoso*

Intervalo

Antonín Dvořák (1841–1904)

Sinfonia n.º 9 em Mi menor, Op. 95 «Do Novo Mundo»

I. *Adagio – Allegro molto*

II. *Largo*

III. *Scherzo: Molto vivace – Poco sostenuto*

IV. *Finale: Allegro con fuoco*

Orquestra XXI

Direção Musical

Dinis Sousa

Piano

Marie-Ange Nguci

CORTEJO

Encomenda da Associação Filarmónica de Los Angeles,
Gustavo Dudamel, Director Musical e Artístico,

com o apoio generoso do Fundo Esa-Pekka Salonen

Ao receber o pedido do Maestro Gustavo Dudamel para escrever uma obra orquestral inspirada em Don Quijote de la Mancha, fui transportada para os meus tempos de infância aquando da minha própria descoberta das aventuras do engenhoso hidalgo. Meu Pai, erudito, professor, poeta, e director do Centro de Tradições Populares Portuguesas na Universidade de Lisboa, ensinou-me a valorizar a vasta riqueza das nossas tradições: orações, contos fantásticos, curas, rezas, e, claro, procissões. Assim, compor esta obra ofereceu-me uma oportunidade única de fundir as minhas mais profundas memórias e processo criativo com o mundo fantástico de tradições Ibéricas, no qual Don Quijote figura de forma tão proeminente.

Durante o processo inicial de escrita da obra não pude deixar de reflectir sobre a imagem da procissão, um tema recorrente em Don Quijote.

Por conseguinte, em Cortejo procurei evocar elementos de procissões Ibéricas – elementos ritualísticos e comunitários, religiosos e pagãos, festivos e lúgubres – que presenciei ao longo da minha vida. Recorrendo à descrição de uma das procissões em Don Quijote, «el cortejo de los sabios» (capítulo 34, Volume II), Cortejo encontra-se dividido em seis episódios, cada qual retratando uma paisagem musical distinta.

Estes episódios seguem uma estrutura cíclica semelhante à de uma procissão e são executados sem pausa entre si.

I. Procissão: Uma inicial secção orquestral tutti abre a obra em celebração, guiada pela percussão.

II. Claroscuro: A procissão celebratória é subitamente interrompida por texturas sonoras tocadas pelas cordas representando a luz.

Segue-se uma distante paisagem musical, interrompida por sopros e metais no registo grave, assim como piano e percussão (representando a escuridão). Memórias da procissão inicial surgem abruptamente em passagens de grande contraste, evocando os sonhos obscuros do nosso hidalgo.

III. Procissão: Este episódio tem no seu âmago o diálogo entre o oboé solo e a ensemble de sopros, esta última tocando uma melodia em uníssono, abruptamente interrompida por curtas explosões orquestrais.

IV. Claroscuro regressa, desta vez com a ensemble de sopros cuja textura ecoa as harmonias previamente tocadas pelas cordas. Intercalado com elementos da procissão, esta secção culmina num tutti orquestral, apenas para se desintegrar como num sonho. Um curto diálogo entre o corne-inglês e a harpa concluem o episódio.

V. Infinitas luzes: Este episódio, o mais lírico e delicado da obra, tem como elemento central os acordes tocados pelo piano e percussão que agora reaparecem sob nova orquestração nos sopros, enquanto as cordas tocam uma melodia longínqua. No céu escuro as estrelas parecem dissipar-se enquanto a orquestra executa glissandos descendentes. São «estrelas que correm» conforme descrito por Cervantes. Uma nuvem de percussão cintilante encerra o episódio.

VI. Reencontros: O fim do Cortejo aproxima-se, elementos dos episódios anteriores emergem e submergem eventualmente fundindo-se, apenas para desaparecer abruptamente como num despertar de um sonho.

Texto: **Andreia Pinto Correia**

A autora escreve de acordo com o antigo Acordo Ortográfico.

CONCERTO PARA PIANO EM LÁ MENOR, OP. 16

O Concerto para piano e orquestra de Edvard Grieg (1843–1907) foi a obra que mais contribuiu para o reconhecimento internacional do compositor norueguês, sobretudo na qualidade de virtuoso do teclado.

Após o sucesso alcançado com a sua estreia, toda a Europa o queria ouvir interpretado pelo próprio criador, um gosto que se prende com a ideia de autenticidade. Obra de juventude, o Concerto foi escrito na Dinamarca quando o compositor tinha 24 anos e estreado pelo pianista norueguês Edmund Neupert, na Sala de Concertos do Casino de Copenhaga, a 3 de abril de 1869. O piano utilizado foi um Steinway emprestado por Anton Rubinstein, considerado o pai da Escola Russa de piano, o qual compareceu ao concerto. Grieg tornar-se-ia um dos intérpretes de referência da obra, e da sua prática enquanto executante resultaram inúmeras alterações à versão original, bem como ligeiros retoques na orquestração e em pormenores melódicos e harmónicos.

A versão que hoje escutaremos é a mais conhecida e foi concluída pouco antes da morte do compositor.

Dividido em três andamentos contrastantes marcados por um intenso lirismo, o Concerto tem um carácter muito heroico devido aos recorrentes acordes tocados em fortissimo e com ritmos pontuados.

O primeiro andamento abre sobre o rufar misterioso dos tímpanos com o piano num gesto verdadeiramente ousado e de carácter declamatório. É a orquestra que alivia o tom, cantando um tema quase popular e de grande lirismo, que faz o piano regressar em diálogo com o tutti. Vários motivos de grande fantasia e virtuosismo se desenrolam, alternando temas saltitantes e divertidos com outros mais apaixonados, como aquele que se ouve no registo grave das cordas e que o piano trata em jeito de variações.

O segundo andamento, com o seu longo tema tocado nas cordas e pontuado por breves solos do violoncelo ou dos sopros, poderia

ser a banda sonora de um filme passado no campo, num ambiente nostálgico de uma tarde de outono. A entrada do piano assume gradualmente protagonismo, muito de acordo com a ideia do solista virtuoso do Romantismo.

O último andamento, que decorre após uma calma e contemplativa transição quase sem interrupção, tem um caráter nacionalista resultante da alusão à sonoridade de um instrumento popular norueguês.

O ritmo popular é o de uma rápida e alegre dança chamada halling, na qual se utiliza um instrumento aparentado com o violino, o hardanger. Este tem um conjunto de cordas abaixo daquelas que o arco fricciona e que produzem uma sonoridade bordão idêntica à das gaitas de foles.

Como acontece nos concertos românticos, este finale é uma prova de grande virtuosismo, terminando de forma empolgante com o piano acompanhado por uma grandiosa fanfarra de metais, à qual se junta, numa reminiscência do início, o rufar dos tímpanos.

Texto: **Rui Pedro Pereira**

Notas ao programa gentilmente cedidas por

Rui Pedro Pereira / Fundação Casa da Música.

SINFONIA N.º 9 EM MI MENOR, OP. 95

«DO NOVO MUNDO»

Foi durante o período em que Dvořák assumiu o cargo de diretor do Conservatório de Música de Nova Iorque, com então 51 anos de idade, que surgiu a composição da sua *Sinfonia n.º 9, em Mi menor*, op. 95, «Do Novo Mundo», mais concretamente durante o inverno de 1892 e a primavera de 1893. A estadia de Dvořák nos Estados Unidos da América veio a revelar-se bastante produtiva para o compositor checo, que acabaria por ter o privilégio de ver as suas obras estrearem no também recém-inaugurado Carnegie Hall. Foi o caso desta sinfonia

que, em dezembro de 1893, subiu ao palco da mediática sala de concertos, interpretada pela Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob a batuta do maestro húngaro Anton Seidl e perante o olhar atento do compositor, que testemunhou a calorosa receção do público a uma obra que no dia seguinte seria descrita pelo *New York Evening Post* como «a maior obra sinfónica jamais escrita neste país».

Dvořák assumiu que o seu interesse pelas características da música nativa e afro-americana foram uma forte influência para a composição desta obra, daí a presença de escalas pentatónicas (de 5 notas) ou ritmos sincopados, como é exemplo o tema principal do primeiro andamento. Mas também *O Canto de Hiawatha*, um poema do escritor americano Henry Longfellow que relata as aventuras de um guerreiro indígena, serviu de inspiração.

O *Largo* é o andamento mais célebre da sinfonia, inspirado numa cena de funeral na floresta descrito por *Longfellow*. Um grandioso coral nos metais abre caminho para o corne inglês que apresenta um tema que tem tanto de simplicidade como de beleza e nostalgia. Esta melodia popularizou-se nos Estados Unidos, tornando-se a canção *Going Home*, com letra de William Fisher que havia sido aluno de Dvořák em Nova Iorque.

O *Scherzo* é igualmente inspirado no referido poema, retratando uma cena de festa na floresta em que os índios dançam. E, se o frenesim da dança está aqui bem presente, este terceiro andamento não deixa de manter os traços principais da tradição musical europeia, sendo impossível ignorar a herança dos *scherzos* de Beethoven, em particular o da *Nona Sinfonia*, dissipando qualquer dúvida que, no que diz respeito à forma, orquestração, harmonia e contraponto, estamos perante uma sinfonia que na sua essência, e como não poderia deixar de ser, é música europeia.

Com um início vigoroso que ficaria célebre, o último andamento resume os principais temas da obra. Nas páginas finais da sinfonia, o tema *Going Home* e a melodia do *Scherzo* reúnem-se com o tema principal deste *finale*, resultando numa síntese extraordinária de uma obra rica e poderosa cuja popularidade só teve o inconveniente de ocultar algumas das sinfonias anteriores do compositor.

Lisboa, março de 2022

Texto: **Élio Anes Leal**

Notas ao programa gentilmente cedidas por

Élio Anes Leal / Fundação Calouste Gulbenkian.



DINIS SOUSA

Direção Musical

Dinis Sousa é diretor musical da Royal Northern Sinfonia desde 2021. Com a RNS, tem dirigido projetos de grande escala, como o ciclo das Sinfonias de Schumann, estreias de compositores de destaque como Cassandra Miller ou Kristine Tjøgersen e colaborações com solistas como Vikingur Ólafsson, Isabelle Faust, Bryn Terfel ou Elizabeth Leonskaja. Em 2023, recebeu o Critics' Circle Young Talent Award do Reino Unido. É fundador e diretor artístico da Orquestra XXI. Na temporada de 2023/24, fez a sua estreia no Carnegie Hall à frente do Monteverdi Choir e dos English Baroque Soloists, em dois programas com música de Bach e Händel, integrados numa digressão pela América do Norte. Estas apresentações seguiram-se à ópera *Les Troyens* de Berlioz, que Dinis Sousa dirigiu nos festivais de Salzburgo, Berlim e nos BBC Proms. «Sousa foi eletrizante em momentos de grandiosidade, drama e intensidade emocional» — *The Guardian*. Ainda com o Monteverdi Choir e a Orchestre Révolutionnaire et Romantique, dirigiu a integral

das Sinfonias de Beethoven e a *Missa em Dó maior*, numa digressão que foi amplamente elogiada pela crítica internacional, com apresentações em Londres e Paris.

Recentemente, tem trabalhado com orquestras como a Royal Concertgebouw Orchestra, Philharmonia Orchestra e a City of Birmingham Symphony Orchestra, entre outras. A sua próxima temporada inclui estreias com a Filarmónica de Oslo ou a Deutsches Sinfonie-Orchester Berlin, para além do regresso à Swedish Radio Symphony Orchestra, Royal Liverpool Philharmonic e a BBC Symphony Orchestra, com quem vai apresentar a *Danação de Fausto*, de Hector Berlioz, no Barbican Centre. Ainda no domínio da ópera, dirigiu *O Barbeiro de Sevilha* (Nevill Holt Opera), *Pelléas et Mélisande* (Orquestra XXI e Bergen National Opera) e *Così fan tutte* (Ópera de Graz e English National Opera). No dia 10 de junho de 2015, foi condecorado pelo Presidente da República, Dr. Aníbal Cavaco Silva, com o grau de Cavaleiro da Ordem do Infante D. Henrique.



MARIE-ANGE NGUCI

Piano

Convidada habitual de algumas das salas de concerto mais prestigiadas do mundo, como o Musikverein de Viena, o Concertgebouw de Amsterdão, o Suntory Hall de Tóquio, a Philharmonie de Paris, a Tonhalle de Zurique ou a Ópera de Sydney, Marie-Ange Nguci consolidou-se como uma das principais jovens pianistas da atualidade, cativando o público com interpretações deslumbrantes e a narrativa envolvente das suas atuações. Ao longo dos últimos anos, apresentou em palco um vasto repertório, atuando com orquestras de renome como a Sinfónica da NHK, Filarmónica de Roterdão, Sinfónica de Montreal, BBC Symphony Orchestra, Orquestra Sinfónica Nacional da RAI ou a Sinfónica de St. Louis, sob a direção de Paavo Järvi, Fabio Luisi, Stéphane Denève, Alan Gilbert, Mirga Gražinytė-Tyla, John Storgårds, Marc Albrecht, Dalia Stasevska e Marie Jacquot, entre outros. Em França, colabora regularmente com a Orquestra de Câmara de Paris, a Orquestra do Capitólio de Toulouse, as Orquestras Nacionais de Lyon,

Lille e Metz ou a Filarmónica de Estrasburgo. Na sequência da sua estreia no Festival de la Roque d'Anthéron, unanimemente elogiada pela imprensa internacional, tem dirigido um número crescente de programas a partir do piano, numa abordagem colaborativa que se articula de forma estreita com a sua personalidade artística. Criada na Albânia, Marie-Ange Nguci ingressou no Conservatório de Paris aos 13 anos, na classe de Nicholas Angelich. Estudou Direção de Orquestra na Universidade de Música e Artes Performativas de Viena e foi admitida aos 18 anos no Doutorado em Música da Universidade de Nova Iorque. É também titular de um MBA em Gestão Cultural.

ORQUESTRA XXI

A Orquestra XXI é uma iniciativa cultural inovadora, que reúne músicos portugueses residentes no estrangeiro. Tem o duplo objetivo de manter uma forte ligação entre estes músicos e o seu país de origem e de levar momentos musicais de excelência a um público diversificado. Dirigida desde a sua criação pelo maestro Dinis Sousa, é hoje reconhecida como uma das comunidades culturais mais inspiradoras de Portugal. Na Orquestra XXI, há um país que se dá a conhecer através do talento e da sensibilidade artística. Um país que se faz ouvir pelo mundo e que na orquestra se encontra para recordar de onde vem. Aclamada pela crítica nacional e internacional, a Orquestra

XXI reúne músicos de diferentes gerações, muitos dos quais membros de orquestras prestigiadas como a Sinfónica de Londres, a Filarmónica de Munique ou a Orquestra de Paris. A sua programação reflete a ambição e diversidade dos seus músicos, abordando com igual intensidade e rigor estilístico obras tão contrastantes como a Paixão Segundo São João de Bach, a 5.ª Sinfonia de Mahler ou Radio Rewrite de Steve Reich. Esta é uma orquestra composta por um corpo de músicos flexível e em constante evolução, que desenvolvem uma grande cumplicidade, resultando numa energia única, um som vibrante e afetivo. Música que nasce da felicidade do reencontro.



ORQUESTRA XXI

FLAUTAS

Francisco Barbosa
João Milhinho
Carolina Lima

OBOÉS

Christopher Koppitz
Diogo Pinheiro
Joel Vaz

CLARINETES

Pedro Victorino
Patrícia Sá Duarte
Ana Prazeres

FAGOTES

Daniel Mota
Pedro Martinho
Álvaro Machado

TROMPAS

Pedro Ribeiro
Luís Diz
Edna Fernandes
Bruno Barbosa

TROMPETES

Renata Cardoso
Carlos Correia
Tiago Baeza

TROMBONES

André Melo
João Canelas
José Rosas

TUBA

Francisco Baptista

TÍMPANOS

Agostinho Sequeira

PERCUSSÃO

Daniel Bolba
Bárbara Ribeiro
Vicente Simão

HARPA

Maria Lagrifa

PIANO

Joana Rolo

I VIOLINOS

Vladimir Tolpygo
Raquel Areal Martínez
Filipe Raposo
Francisca Portugal
Isolda Lidegran
Lia Yeranossyan
Beatriz Saglimbeni
David Bento
João Marinho
Francisca Caldas de Brito
Carolina Picas Magalhães
José Simões

II VIOLINOS

Sara Areal Martínez
Filipe Fernandes
Ana do Vale
Catarina Sá Duarte
Henrique Gonçalves
Daniel Perzhan
Louisa Rocha
Inês Díez
Berta Sequeira
Nuno Suárez

VIOLAS

Joana Nunes
Filipa Rodrigues
Teresa Macedo Ferreira
Gustavo Rebelo
João Álvares Abreu
Ana Margarida Lamelas
Teresa Caleiro
Guilherme Tomás

VIOLONCELOS

Pedro Campos Fernandes
Beatriz Raimundo
Leonor Mateus
Tiago Anjinho
Luís Nogueira
Bernardo Nabais
Gonçalo Pires
Tiago Azevedo e Silva

CONTRABAIXOS

José Moreira
João Vargas
Mário Alexandre Rodrigues
Luzia Vieira
Gil Brito
Emanuel Oliveira

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Dinis Sousa

GESTÃO DE DIGRESSÕES

Gil Fesch

COORDENAÇÃO

DE PARCERIAS E PROJETOS

Inês Barroso

COORDENAÇÃO DO CORO

Laura Lopes

DIREÇÃO ARTÍSTICA

RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Maria João Samúdio

PRODUÇÃO

Nuno Guimarães

José Ferra

GESTÃO DE REDES

Diana Almeida

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA

RTP

RTP
antena 1

RTP
antena 2

PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA

SONY

APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA

El Corte Inglés

PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

**ponto
verde**



The logo consists of the letters 'CCB' in a bold, white, sans-serif font, enclosed within a white rectangular border. The background of the entire advertisement is a photograph of a large, modern conference hall with a grid-patterned ceiling, recessed lighting, and rows of blue chairs facing a stage area with large windows.

CCB

O lugar onde as ideias encontram o seu espaço

2 Auditórios
17 Salas

Um contexto único
onde cada encontro acontece
no cruzamento entre arte
e pensamento



**Organize o evento
da sua empresa connosco**



eventos@ccb.pt

www.ccb.pt/centrodecongressosereunioes